

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabriela Possani Machado Pereira

NEOLIBERALISMO: COLONIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE E O ADOECIMENTO SOCIAL

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Cristina Dias Silva.

Juiz de Fora
11 de outubro de 2024.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Gabriela Possani Machado Pereira**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número 201872071, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Neoliberalismo: colonização da subjetividade e o adoecimento social**, desenvolvido durante o período de Março de 2024 a 04 de outubro de 2024 sob a orientação de Cristina Dias Silva, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autora, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Gabriela Possani Machado Pereira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

Neoliberalismo: colonização da subjetividade e o adoecimento social.

Gabriela Possani Machado Pereira¹

RESUMO: Este presente artigo tem por objetivo analisar o fenômeno do neoliberalismo como uma corrente ideológica sustentadora do sistema capitalista e das hegemonias econômicas mundiais, a partir de suas ideias mercadológicas, modifica e altera a cosmovisão dos indivíduos, expondo a classe trabalhadora a novas formas de sujeição e adoecimento psíquico, o neoliberalismo adentra diversos espaços públicos de construção social e identitária reformulando não apenas as presentes culturas e a estrutura econômica do país, mas também, sua estrutura política, construindo novas racionalidades de ser e estar no mundo, alterando significativamente a forma como o indivíduo se relaciona com o coletivo e também com o meio ambiente em que vive. Desse modo, este trabalho, busca refletir as políticas neoliberais como uma forma de poder que possui uma malha simbólica forte capaz de esconder suas violências institucionalizadas, produzindo uma colonização das mentalidades, seguindo os moldes da colonialidade do ser e do saber, afim de sujeitar o indivíduo a uma passividade diante do sistema, em que uma possível alternativa, diante do adoecimento e controle dos corpos, seria pensar através das ideias dos movimentos decoloniais para resgatar subjetividades e formas de vidas marginalizadas e excluídas historicamente.

PALAVRAS-CHAVE: políticas neoliberais, nova racionalidade, colonização das mentalidades, lógica de mercado, decolonialidade

1. INTRODUÇÃO

Pensando o ser humano como um ser que constrói e é construído na relação com o outro via cultura, interações sociais e processos ideológicos em que está inserido, nos afetar é um “inesperado potencial para o sentido” (GUMBRECHT, 2014), com isso, a forma como somos afetados e nos afetamos está sujeita aos processos históricos, políticos e econômicos de uma sociedade, os sentimentos de coletividade, bem-estar social e pertencimento estão diretamente associados à organização do Estado e da sociedade. De acordo com Foucault o corpo não escaparia dos processos da história, sendo assim, existiria uma “superfície de inscrição dos acontecimentos” (FOUCAULT, 2011, P.22) com isso os sentimentos humanos são cristalizados a partir da relação que os seres humanos têm com seu tempo, o tempo passado e as relações econômicas, ou seja, o psiquismo humano é constituído a partir do social.

“Ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa, ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências” (FOUCAULT, 2011, P.27)

Dessa forma, de acordo com as teorias de Karl Marx, o indivíduo se faz na sociedade e é determinado por sua posição nas relações de produção na vida cotidiana, por exemplo, o trabalho, a casa e a até mesmo a praça são influenciados pelo modo de organização social e o

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Cristina Dias Silva.

modo de sociabilidade capitalista, que condiciona e provoca aspectos objetivos e subjetivos de determinações sociais de vida e da manifestação psicossocial, uma vez que, seria a mediação e articulação destas instancias capaz de produzir e reproduzir o social, o bem-estar social ou o mal-estar presente nas sociedades capitalistas modernas.

É possível observar, a partir de obras literárias e do cinema, por exemplo, que existem mudanças e diferenças sutis na concepção de tristeza, raiva e ira em 1800 e na sociedade globalizada do século 21, desse modo, podemos perceber que nossas visões, sentimentos humanos e anseios variam de acordo com os fatos históricos que constituem determinado período histórico, ou seja, nossas emoções são fruto da nossa relação com o tempo, os fatos e processos econômicos.

Compreendendo a sujeição histórica da classe trabalhadora aos modelos da sociedade capitalista e sua agenda biopolítica de controle de corpos e da vida cotidiana, que determina as condições da vida de amplos setores da população e as tensões existentes entre elas, também produz um espaço material e simbólico capaz de produzir subjetividades e reproduzir padrões, exercer poder coercitivo e diminuir as singularidades, pois, de acordo com Alemán Jorge, o discurso capitalista possui a potência de representar e direcionar todas as singularidades e as diferenças à totalidade do “circuito circular da mercadoria” (ALEMÁN, 2010, p. 18) através do disciplinamento social e a produção de subjetividades passivas e colonizadas, pois, a lógica de dominação econômica não tolera as diferenças e heterogeneidades, seguindo assim uma lógica de apropriação da alma de uma cultura, em um movimento que Nora Merlin caracteriza como “colonização da subjetividade” (Merlin, Nora. 2017. P.23).

Ademais, o biopoder refere-se ao poder exercido sobre os corpos e populações, visando não apenas a gestão da vida, mas também a regulação das condições de existência e reprodução em diferentes épocas para manter a hegemonia econômica global a partir do controle das massas, vai ganhando novas formas de ser exercido, a utilização da violência física da espaço ao poder coercitivo e novas correntes ideológicas surgem para colocar em prática o poder disciplinar, que de acordo com Michel Foucault, opera a partir do controle dos corpos, moldando-os de acordo com as normas sociais e produtivas.

Neste contexto, surge a corrente neoliberal, um sistema de poder que funciona de forma dinâmica, que se diversifica e se multiplica, exibindo uma capacidade de se renovar devido ao auxílio de ferramentas presentes no mundo moderno globalizado, por exemplo, redes de mídias digitais. Indo além de uma prática econômica, funciona como um agrupamento de valores e ideias, seguindo a lógica de mercado e livre concorrência, busca instaurar uma racionalidade e uma cosmovisão que rege, em nível global, as relações e afetos humanos, postulando novos regramentos sociais que modificam as sociedades e consequentemente as subjetividades.

O objetivo deste estudo é refletir e tentar compreender o quanto estamos nos desvinculando das relações interpessoais devido a alienação da subjetividade e sua subversão aos valores do sistema econômico da sociedade ocidental capitalista, baseada na concorrência integral em todos os âmbitos da vida cotidiana e a ideologia do tempo, o qual modifica as raízes do modo em que vivemos em sociedade e nos relacionamentos com o outro, o diferente, ameaçando assim, os diálogos democráticos, pois adquire uma dimensão totalizadora, abarcando desde o Estado, sua organização econômica, as esferas públicas do país até as esferas da existência humana e seus envolvimentos interpessoais.

2. DESENVOLVIMENTO

O neoliberalismo, enquanto uma formação e sustentação originada da lógica do capital, surge como uma contraofensiva da burguesia internacional em uma tentativa de refundação e reconstrução do mercado internacional mundial devido a grandes quedas em taxas de lucros da economia Estadunidense e Inglesa, e também como uma reação ao arranjo social após a crise de 1929, ao intervencionismo estatal, após a década de 1970, e o modelo de planejamento estatal, com isso, começam a surgir movimentos para pensar práticas e dinâmicas de ideias e articulações para fazer com

que a burguesia recuperasse e mantivesse sua hegemonia se mantendo como classe dominante, fundamentando a essencialidade do livre mercado.

Para além de funcionar como uma prática econômica, não sendo uma simples continuidade do liberalismo clássico do século XVIII, passou de uma doutrina econômica para um conjunto de normas e ideias, se tornando uma prática ideológica capitalista e um dispositivo de colonização e intervenção na vida social, busca instaurar uma nova racionalidade política e construir um novo homem, pois, o capitalismo conquista territórios de influência rechaçando as diferenças que constituem cada sujeito, destruindo seu universo simbólico. De acordo com Jorge Alemán:

“El Neoliberalismo necesita producir distintos dispositivos que destruyan el campo simbólico que siempre precede al sujeto, ese campo que hace posible em cada uno la posibilidad de una historia, una memoria, una temporalidade...” (Alemán, 2016. P. 55)

É possível perceber que a subjetividade humana se torna o principal alvo na atual fase do capitalismo, inaugurando uma nova ontologia do ser social, era necessário construir uma visão de mundo capaz de orientar a prática e também o processo de formação de sentido dos sujeitos, se mostrando uma corrente que se preocupa com a constituição essencial do indivíduo colonizando e modificando este espaço interno do sujeito, como bem determina Jorge Alemán, esta fase do capitalismo seria uma “fábrica neoliberal de subjetividades” (Alemán, 2016. P.79). Com isso, podemos perceber que o neoliberalismo seria uma

“dupla colonização, do mundo econômico e do mundo cultural”
(Dalbosco, Santos Filho e Cezar (2022))

Diferentemente do período fordista de produção, em que o domínio e coerção se fazia a partir da presença do patrão nos espaços de convivência e marcava as diferenças essenciais a partir da sua posição social dentro da cadeia de produção em relação aos outros sujeitos, e que também se apresentava de forma coercitiva, o indivíduo no neoliberalismo é convidado a se engajar em sua própria dominação, a partir de variadas ferramentas e articulações e da tessitura de uma malha simbólica forte o suficiente para fazer com que as pessoas gerenciem a si mesmo, ocorrendo a institucionalização dos pensamentos neoliberais, que adentram a psique humana desde a infância do indivíduo, produzindo uma nova mentalidade, a do sujeito empreendedor de si mesmo, que se expressa através da categoria homem empresa ou sujeito empresarial.

Sendo tratado como uma revolução cultural, no colóquio de Lippmann ocorrido em 1938, primeiro movimento responsável pela internacionalização do debate e tentativa de refundação da corrente, pelos pensadores neoliberais, estes que compartilham a ideia de que a tomada de consciência acerca da competição melhoraria a espécie, o neoliberalismo instaura a mentalidade, com regras claras de comportamento no cenário concorrencial, meritocrática e mercadológica. No cenário no qual tudo e todos estariam concorrendo, a única saída para este indivíduo é a necessária disciplina de se autoadministrar, autogerir e com seu esforço pessoal e através da venda de sua mão de obra se destacar e ascender socialmente, regulando seu tempo gasto e seu desempenho, como cita Jorge Aleman:

“"sujeito goza explotandose a si mismo, esta acompañada de um nuevo estado de intimidacion, amenazas y distintas formas cada vez mas violentas de segregacion." (Aleman, Jorge. 2016, p.29)

Desse modo, é possível perceber a lógica empresarial que passa a determinar a vida do sujeito, o coisificando, pois o indivíduo neoliberal possui uma ideologia de tempo em que esta medida se torna uma unidade de lucro e produção, provocando exaustivas cargas horárias devido à cobrança por rendimentos, alienando o trabalhador e seu tempo de seus outros laços sociais essenciais, um reflexo desta realidade são os movimentos de redução de carga horária trabalhada, por exemplo, “VAT – Vida Além do Trabalho, que busca levantar a importante questão acerca da contínua exploração e os significativos casos de burnout causados pelas das relações trabalhistas, inflamadas pelo discurso da meritocracia, encontra apoio moral para exercer sua violência disciplinatória.

Seguindo uma construção da biopolítica, baseada na apropriação da subjetividade para o disciplinamento social, o neoliberalismo utiliza a disciplina psíquica e a organização do tempo como o elemento fundamental para estabelecer o poder e exercer sobre os corpos e os sujeitos influências afim de moldá-los para servir a agenda capitalista. O ócio, por exemplo, começa a se tornar pouco apreciado pelo mercado que depende da lucratividade, criando discursos como “Trabalhe enquanto eles dormem” e movimentos Coach, que buscam maximizar o rendimento e satisfação do indivíduo, segundo Aleman,

“La dominación se ha vuelto sistémica e invisible gracias a poder haber extendido el rendimiento empresarial a todo el mundo.”
(Aleman, Jorge. 2016, p.29)

A cultura de massas, sendo um paradigma da sociedade neoliberal, estaria organizada a partir da obediência ao imperativo do consumo e da liberdade de consumir, operando através de um esvaziamento subjetivo planejado, o discurso do capital encontra condições de estabelecer sua produção mercantil de objetos, símbolos e uma subjetividade passiva, servil e sugestiva, revelando uma característica do neoliberalismo, que de acordo com Nora Merlin, seria classificado como “mercadocracia”, por ser um sistema social em que o predomínio do mercado abarca diversas esferas sociais, enquanto provoca e estimula mudanças profundas nos relacionamentos humanos, influencia significativamente os Estados e suas organizações, visto que, o neoliberalismo não pretendeu acabar com os Estados, mas sim torná-los a instância reguladora da livre concorrência, ao mobilizar novos instrumentos de poder para garantir a circulação das mercadorias e investimentos, provoca uma mudança entre governados e sujeitos sociais.

“En el neoliberalismo la “libertad” se transformo en un mercado sin limites y en imperativo de consumo como ley fundamental que organiza la cultura.” (Merlin, Nora. 2017. P.30)

A partir de uma reestruturação externa, por meio de privatizações das empresas estatais, e internas o Estado passa a ser um avaliador e grande articulador da intervenção pública centrado na concorrência mercadológica, pois ao adotar as regras de eficácia das empresas privadas afim de atrair investimentos estrangeiros regula as formas de competição no quadro local que estejam em sintonia com o mercado global. Essa dinâmica revela que a arte de governar se torna a arte de estabelecer um Estado de concorrência livre para investimentos, respeitando as condições da gestão e analisando os fluxos comerciais e financeiros em escala mundial. Os termos governança e governabilidade se tornam evidentes dentro do universo neoliberal revelando a proximidade e

semelhança entre a administração e condução das empresas e a condução dos Estados. De acordo com Felipe Queiroz

“No âmbito político, a palavra governança, passou a substituir a palavra soberania.” (Queiroz, 2018.)

A lógica empresarial de concorrência passa a guiar então, a condução dos Estados, bem como mobiliza a competição entre os países para concorrer globalmente entre si por capital estrangeiro, disputa que é diretamente influenciada pelos oligopólios internacionais. Devido a necessidade de revisão, atualização e aprimoramento da legislação dos países e dos acordos feitos com grupos sindicais para atender as novas demandas da concorrência internacional criou-se uma reação de relativização do papel do Estado como entidade integradora das dimensões da vida social e a criação de um paradigma em que todas as instâncias do governo passa a ser guiado a partir da concorrência modificando a essência do Estado que passa a se tornar apenas “mais uma entidade que busca maximizar seus resultados, como uma empresa.” (Queiroz, 2018.)

Portanto, devido as mudanças ocorridas no âmbito do Estado, que se transforma em uma entidade totalmente integrada ao espaço e submetido às leis das trocas transformando a mentalidade dos sujeitos políticos, transformando o cidadão em consumidor do Estado, ocorre um movimento de retirada voluntária e desvalorização do âmbito Estatal e de seus aparelhos, pois, de acordo com Dardot e Laval, o “Estado-empresarial” (Queiroz, 2018. P.189) mudaria a forma como a previdência e os serviços básicos como educação e saúde são interpretados pela sociedade,

“A previdência, saúde, educação e lazer são produtos que os consumidores (cidadãos) tem a liberdade de escolher e adquirir...” (Queiroz, 2018. P. 189)

A perda do próprio sentido dos serviços públicos e o enfraquecimento do funcionalismo público, influencia diretamente no sentido de sujeito político, sujeito este que a partir da lógica citada por ByungChul Han “homem como empreendedor de si mesmo” (Han) se apresenta como autônomo, produtivo e capaz de gerir todas as complexidades e âmbitos de sua vida cotidiana sem a interferência estatal, ocorrendo uma perda da noção do coletivo, laços comunitários, consciência de classes e capacidade de organização, pois, o imperativo do neoliberalismo é a lógica do ultraindividualismo, onde o sujeito impõe seus desejos e busca realiza-los e da rivalidade ocasionada pelo espírito competitivo, criando um estado de cada um por si, onde o que me aproximaria do outro é o ódio ao diferente, sentimento este estimulado e planejado, a partir de discursos midiáticos, em redes sociais, por exemplo, que provocam medo e tensionamento social, para que os próprios indivíduos exerçam um sob os outros a imposição moral e ética da lógica neoliberal, afastando e segregando o tecido social de um país, dificultando diálogos democráticos e acirrando disputas ideológicas.

“os modos de operação das redes sociais que impulsionaram a radicalização política e ideológica nas eleições do Brasil na segunda décadas do século XXI, o discurso de ódio como instrumento político e as lutas ideológicas e de classe...”

O ultraindividualismo e a liberdade individual postulada pelo livre comércio, esta falsa

liberdade que se relaciona com a capacidade de consumir e ser consumido, instaura uma mudança significativa no aspecto das relações humanas ao incluir a lógica da velocidade de produção na esfera dos relacionamentos íntimos, gera formas de interação carregadas de características dos meios de mercado, onde a impessoalidade e liquidez determina os laços humanos, que de acordo com Bauman, em sua obra “ Amor Líquido”, os laços humanos estariam fragilizados devido a lógica da “cultura consumista” (Bauman, p 21) que favorece a rapidez, prazer imediato e passageiro, provocando também, a partir de uma quebra ética e moral a destruição dos laços afetivos.

“O impacto da racionalidade neoliberal sobre a formação do sujeito é devastador, provoca uma quebra ética e estraçalha o laço inter-humano. (Dalbosco, Santos Filho e Cezar (2022))

Essa internalização e estímulo ao pensamento individual da auto-gestão, além de promover o desgaste e a liquidez dos relacionamentos interpessoais, promove a precarização das relações sociais de produção, ao atravessar o social a partir do momento que naturaliza a responsabilização individual por seus infortúnios e mazelas, transformando-os em consequências de escolhas individuais e não mais coletivas e resultante de processos históricos. Cria-se também, a partir do sentimento da competitividade e rivalidade, um ambiente hostil e marcado pela desconfiança, pois, em vez de enxergar o outro como aliado político ou integrante da comunidade política, o outro passa a se tornar inimigo, uma ameaça à própria existência, desembocando em um estado constante de guerra social, onde o ódio e o medo são as principais constantes e motivadores das ações humanas, se manifestando através do racismo, xenofobia e várias outras formas de violência.

“o plano das trocas humanas, as relações fraternas e horizontais estruturantes do vínculo solidário encontram-se desvalidas pelo obscurecimento progressivo do outro. Fragilizado, o coletivo cede lugar ao individualismo possessivo e competitivo.” (Dalbosco, Santos Filho e Cezar (2022))

Em países como o Brasil, marcado por processos históricos de marginalização de grupos e altos níveis de desigualdades sociais, ao culpabilizar exclusivamente o indivíduo por seus fracassos, através da lógica meritocrática, ignora-se o contexto social, histórico e político do sujeito, individualizando assim problemas sociais e coletivos, que necessitam de iniciativas do Estado e apoio popular, promovendo enfraquecimento de diálogos democráticos e debates sobre políticas públicas voltadas para reparação histórica e melhora na mobilidade social, enfraquecendo o sentimento de empatia, responsabilidade histórica e apagamento de um passado violento e real, através da tessitura de uma rede de mentiras e ideologias que silenciam lutas e desigualdades, acirrando disputas ideológicas, segundo Dalbosco, Santos Filho e Cezar (2022, p. 3),

“em uma cultura da indiferença, falha a possibilidade de reconhecimento do semelhante, dando lugar a práticas relacionais de cunho perverso que – justamente em razão de seu pragmatismo utilitarista – estão perfeitamente adequadas à prescritividade vigente no novo neoliberalismo.”

Se torna importante refletir, o quanto esta estratégia do capitalismo em sua modalidade neoliberal esconde, a partir de normas e procedimentos institucionais, a destruição e erosão progressiva dos aparelhos democráticos como sede de soberania popular, fragmentando o corpo social e político, dificultando e afastando os sujeitos políticos do diálogo tão caro e necessário para manutenção das democracias em países em desenvolvimento, propiciando um terreno vulnerável à novas práticas de exploração e uma passividade das massas frente aos anseios e necessidades de grandes hegemonias globais, que atravessam o social e também o ambiental, provocando erosões sociais e ambientais durante seus processos de colonização e exploração de bens, matérias e mentes em prol do direito de consumir livremente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao articular as ideias e teorias de pensadores como Nora Merlin, Jorge Aleman e Zygmund Baumann, é possível perceber como a linha ideológica do neoliberalismo se realiza através do esgotamento da psique humana e das ferramentas democráticas do Estado, quando o modifica e o transforma em uma instância empresarial que visa maximizar lucros e investimentos, proporcionando, não apenas o enfraquecimento das instituições democráticas e laços sociais, mas também esvaziando a cultura, a partir da lógica de unificar e disciplinar as massas, é a forma dominante de controle de recursos, trabalho, capital e conhecimento limitados a uma relação de poder mediada pelo mercado capitalista.

Pois, a função primordial deste sistema coercitivo é produção e reprodução da ordem social capitalista, acompanhando as mudanças e inovações do século 21, mantendo o projeto de segregar e selecionar, a partir da lógica da colonialidade, o chamado capital humano, este capital que caso não se adeque a nova ordem de produtividade e rentabilidade pela incapacidade individual de sucesso e evolução, é descartado e formaria aquilo que Bauman chamou de “lixo humano” (Bauman, p. 151), ao refletir sobre os ditos “excedentes da humanidade” (Bauman, p. 151), onde não haveria mais um reconhecimento de fatores políticos e sociais que moldaram e determinaram sua forma de vida e suas capacidades de pertencer e acessar espaços públicos se tornando incapazes e desprezados pelo mercado de trabalho e conseqüentemente da vida social, extinguindo o sentimento de solidariedade e fraternidade dentro das sociedades capitalistas.

Neste aspecto, através das reflexões e apontamentos feitos ao longo deste trabalho busco chamar atenção do leitor quanto a necessidade de pensarmos os movimentos decoloniais do pensamento, que emergem principalmente na América Latina, nos países colonizados como o Brasil, que se relacionam com a economia global através de um capitalismo de dependência, pois por mais que o colonialismo tenha sido superado, a colonialidade continua presente nas mais diversas formas, sendo a continuidade da propagação do pensamento colonial, uma matriz que se expressa essencialmente em relações dominantes de poder, saber e ser pois, visto que com o avanço dos processos econômicos de grandes potências e hegemonias culturais as formas de manter a dependência destas populações se transformam e transfiguram se tornando invisíveis e naturalizadas dentro da sociedade de massas através de mudanças nas esferas econômicas e estatais.

Percebe-se que o processo histórico do neoliberalismo e dos avanços da lógica de mercado visou organizar o mundo de modo a categorizá-lo de forma homogênea, universalizada e fragmentada (países centros e periféricos), sendo este pensamento muitas vezes reproduzido cotidianamente nos dias atuais, a partir da perspectiva da colonialidade do ser, o sistema diferencia os povos em relação ao gênero, raça e sexualidade, sendo que essas diferenças são atribuídas visando desumanizar esses grupos, a fim de fortalecer a dominação de determinados povos com o intuito de manter a exploração e a disciplina dos corpos. Nesse sentido, muitos valores, identidades e costumes tendem a se perder, devido ao sentimento de inferioridade e não pertencimento de muitos grupos, dando lugar às lógicas de mercado e um sentimento de descolamento social.

O conceito de decolonialidade surge como uma proposta para enfrentar esta exploração e sujeição da psique humana ao pensamento neoliberal, principalmente através dos estudos

compostos por estudiosos como Aníbal Quijano (2005). Pensar o movimento decolonial é pensar uma via de resgate dos valores próprios da cultura nacional e as formas de viver originárias do território, não mais importando valores e formas de conduzir a vida e os sentimentos das grandes hegemonias culturais como normas e ideais a serem seguidos, libertando assim o campo do conhecimento e da formação da subjetividade, diretrizes que existem para servir ao biopoder e que funcionam a partir da destruição simbólica do indivíduo e seu coletivo, colonizando sua subjetividades para sustentar a hegemonia do capital e suas necessidades, atravessando inclusive, o meio ambiente, provocando desgastes ambientais e exploração desmedida dos recursos.

Esta destruição simbólica do eu, a partir de práticas de colonialidade do ser, dando lugar as ideias de mercado juntamente com uma intensa desumanização de grupos sociais, reflexo de décadas de práticas governamentais neoliberais em que os vínculos humanos passou por uma corrosão das estruturas que se baseiam no trabalho coletivo, na cooperação entre iguais e nas relações fraternas que promoveram a perda da existência do ser, e de suas capacidades e valores éticos e morais, postos à comparação do padrão colonizador. Coisificando o trabalhador, promovendo uma desesperança social e dificuldade de organização e luta, provocando uma erosão social devido a falta de suporte fundamental para que uma sociedade construa defesas contra a expropriação de direitos.

No regime neoliberal, enquanto o sujeito sente e marca no corpo todos os enfraquecimentos psíquicos e físicos causados pela mentalidade hegemônica disciplinatória, controladora e exploradora de corpos e mentes, é cobrado quanto aos seus resultados, sendo o trabalhador o único responsável por sua vitória e fracasso, o mérito é medido através do esforço, gerando um constante estado de insegurança e desamparo social.

Para além de refletir sobre as mudanças no âmbito social e do Estado, é importante pensarmos na necessidade de superação deste regime neoliberal, modificando a cosmovisão, submersa no individualismo e concorrência, e a ideia civilizatória hegemônica baseadas na lógica de mercado, na satisfação imediata dos desejos e na concorrência, pois é uma urgência de nossa época o cuidado com o meio ambiente, frente a incessante e desenfreada exploração irresponsável da natureza, que encontra no corpo social e político marcado pelo adoecimento e sujeição aos interesses estrangeiros, território pacificado e passivo diante das necessidades do capital e da produção de bens de consumo.

Verificamos então que capitalismo e sua corrente ideológica, o neoliberalismo, se caracteriza pela liberdade individual e consumo, consumo este que abarca tudo e a todos, a natureza e o social, em prol de corresponder demandas, coloca em xeque o futuro do meio ambiente que está sofrendo diversas modificações e transformações em relação ao níveis de intensidade e frequência de fenômenos, as águas se transformando e a terra sendo queimada é um indicativo da necessidade de repensar as filosofias de mercado e reorientar a rota, pois além de perpetuar a colonização e os esvaziamentos culturais, avança cada vez mais para o desgaste irreparável do meio ambiente.

De acordo com Ailton Krenak, pensador originário, em sua obra *Futuro Ancestral*, alerta sobre a necessidade de prestarmos atenção em relação a cosmovisão presente no mundo atualmente, pois não apenas está envenenando os rios e as matas com suas demandas capitalistas, mas também ao contaminar culturas, envenenar mentalidades e subverter valores ao prazer do capital e mercado, transforma todos os sujeitos em mecanismos e engrenagens responsáveis pelo sucesso econômico e evolução humana, a partir, da ideia civilizatória do homem branco europeu ocidental, que buscou e ainda busca uma homogeneidade de corpos e subjetividades para exercer controle, é importante refletir sobre as “alianças afetivas” que de acordo com Krenak,

“...pressupõe afetos entre mundos não iguais. Esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, em cada ser...” (Krenak, Ailton. P 82)

Ou seja, pensar o social através de suas diferenças constitutivas e reconhecer os processos históricos do país é uma emergência atual frente as tensões ideológicas de mercado, que forçam a atenção do Estado para as transações mercadológicas e reduzem suas operações à interesses transacionais do comércio de bens e ideias, fragmentando o social e deslegitimando movimentos sociais que buscam reparação e diminuição de desigualdades por meio de construção de políticas públicas, fortalecendo a democracia, os processos democráticos e conseqüentemente a própria população.

Por fim, questionar esta nova racionalidade dominante importada das economias globais, que se tornou uma razão de mundo devido seu corpo composto por um conjunto de dispositivos institucionais, políticos, jurídicos e econômicos, que adentra todos os âmbitos da vida social, da escola ao espaço religioso formando uma rede complexa e mutável, sujeita às leis do mercado e suas mudanças atravessando e envolvendo todas as dimensões da vida humana, está sempre em busca de novas formas de subjetivação e exploração que possibilite lucro e conquista de territórios, desse modo, é importante nos questionar acerca das ideias de como viver e como ser no mundo, por tanto, a decolonialidade do pensamento é considerado como caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos colonizados durante todos esses anos, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo.

O pensamento decolonial se coloca como uma alternativa para dar voz e visibilidade aos povos colonizados por políticas neoliberais e trabalhadores oprimidos que durante muito tempo foram silenciados e tiveram seus corpos marcados pelas formas de afeto impessoais e mercadológicas, também é considerado um projeto de libertação social, político, cultural e econômico que visa dar respeito e autonomia não só aos indivíduos, mas também aos grupos e movimentos sociais, a própria democracia.

Superar o neoliberalismo e a lógica de mercado, vai além de frear o adoecimento psicossocial causado por anos de desgaste subjetivo, emocional e físico que a lógica do comércio instaurou no tecido social, é um resgate cultural de subjetividades, inteligências e manifestações e também parte de um olhar sensível para a natureza. Reconhecer a nova roupagem para este outro modo de controle sob a vida dos governados nos possibilita reagir frente sua característica global e totalizadora, como também nos faz reconhecer como essas dinâmicas afetam nosso comportamento e nossas relações, para que seja possível resistir, existir e lutar pela possibilidade de pensar e sentir o mundo e os afetos longe do envenenamento do pensamento mercadológico, para que seja capaz construir um futuro menos desigual, mais fraterno e respeitoso frente ao individualismo crônico contemporâneo marcado pela rivalidade e concorrência. Assim como afirmava Arendt,

“Uma nueva manera de estar com los otros y habitar el mundo de los comunes com menos patrones y mayor vida.” (Arendt, 1998)

Ultrapassar essa mentalidade é repensar o afeto e sua importância na construção subjetiva e também do corpo social, repensar como estamos nos afetando e como estamos afetando a natureza para ser possível imaginar futuros justos, mais dignos, inclusivos, empáticos e psicologicamente saudáveis.

REFERÊNCIAS

Livros:

ARENDR, Hannah. *A condição humana*. Trad. Lúcia S. C. de Almeida. São Paulo: Edusp, 1998.

ALEMÁN, Jorge. *Horizontes neoliberales en la subjetividad*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Diante do sentido: um ensaio sobre a estética do presente*. São Paulo: Editora 34, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: O neoliberalismo e a nova técnica de poder*. Trad. José Miguel P. S. de Almeida. Lisboa: Editorial Presença, 2018.

MALLARDI, Manuel W. *Cuestión social y cotidiano: implicâncias objetivas y subjetivas de la sociabilidad capitalista*. 1ª ed. La Plata: Dynamis, 2015.

MERLÍN, Nora. *Colonización de la subjetividad: los medios masivos en la época del biomercado*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2010.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Artigos:

BEATRIZ, Jorgelina; SOLEDAD, Ximena. *Cuestión social, políticas neoliberales y subjetividad*. *Revista de Ciencias Sociales*, v. 16, n. 1, p. 45-60, 2018.

DALBOSCO, Claudio Almir; SANTOS FILHO, Francisco Carlos dos; CEZAR, Luciana Oltramari. *Desamparo humano e solidariedade formativa: crítica à perversidade neoliberal*. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 43, e244449, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.244449>

QUEIROZ, Felipe. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. *CRH*, Salvador, v. 31, n. 82, p. 187-191, jan./abr. 2018.

